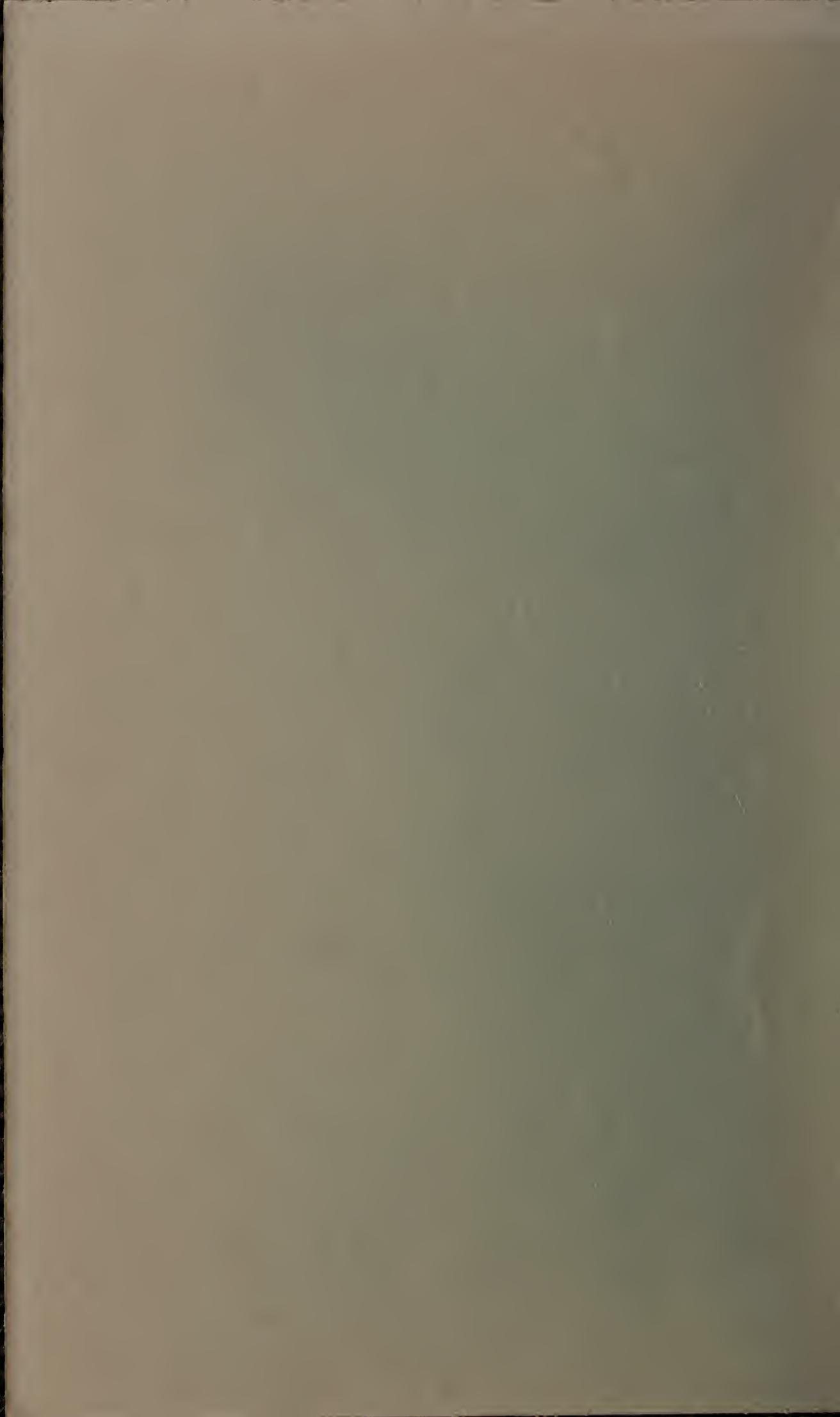




Martins, Francisco
Religiao e patriotismo

LF
4849
.5
M37



RELIGIÃO E PATRIOTISMO

SERMÃO

QUE NA SOLEMNIDADE INAUGURAL
CELEBRADA COM MISSA DO ESPIRITO SANCTO E JURAMENTO DOS LENTES
PARA A ABERTURA DOS EXERCICIOS

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

no anno lectivo de 1890 a 1891 prégou em o 1.º de outubro
na real capella da mesma Universidade

O DR. FRANCISCO MARTINS

LENTE CATHEDRATICO DA FACULDADE DE THEOLOGIA



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1891

RELIGIÃO E PATRIOTISMO



Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

RELIGIÃO E PATRIOTISMO

SERMÃO

QUE NA SOLEMNIDADE INAUGURAL
CELEBRADA COM MISSA DO ESPIRITO SANCTO E JURAMENTO DOS LENTES
PARA A ABERTURA DOS EXERCÍCIOS

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

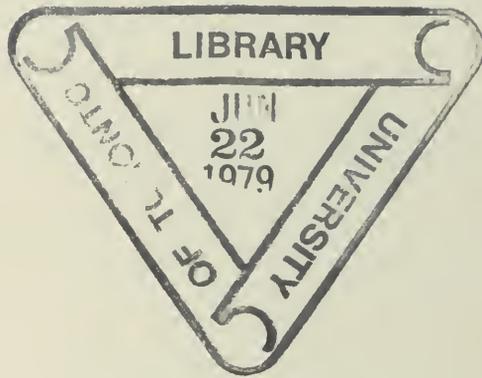
no anno lectivo de 1890 a 1891 prégou em o 1.º de outubro
na real capella da mesma Universidade

O DR. FRANCISCO MARTINS

LENTE CATHEDRÁTICO DA FACULDADE DE THEOLOGIA



COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE
1891



LF
4849
.5
M37

*Beata gens, cujus est Dominus Deus
eorum: populus quem elegit Dominus.*

Ps. xxxii.

ILLUSTRE REITOR E PRELADO D'ESTA UNIVERSIDADE, *
DOUTORES E MESTRES,
ESTUDIOSOS MOÇOS:

É edificante e da mais remontada significação e alcance o acto que ora praticamos. Assim Deus permitta que elle produza os beneficos effeitos a que é destinado!

A religião recebendo homenagem publica e solemne da sciencia, e uma e outra, como anjos tutelares, acolhendo e afagando em amoravel amplexo esta sympathica pleiade de jovens estudiosos, esperanza e futuro da patria, animando-lhe, fecundando-lhe as mais justas aspirações, aprumando-lhe, vigorizando-lhe o caracter, eis, MEUS SENHORES, o espectaculo grandiosamente bello e edificativo, que n'este momento inebria de justo prazer a minha alma de sacerdote, de professor e de portuguez.

Attesta e significa elle a mais legitima, decorosa, e por todos os titulos veneranda tenacidade em manter e transmittir intemerata e incorruptivel a herdada tradição dos tempos idos, sempre dignos de honrosa memoria.

É mui adequado a influir salutar e efficaçmente na grande e

* O illustrissimo e excellentissimo senhor conselheiro doutor Antonio dos Sanctos Viégas.

inadiavel obra, que a todos nos traz agora tão afadigadamente empenhados, a revivificação da nossa nacionalidade.

As instituições e os povos, como o individuo e a familia, sentem a necessidade irresistivel de consagrar pela religião os factos mais notaveis da sua vida, a não ser que uma desorientação lastimavel deturpe o que a voz da natureza e o dictame da consciencia instantemente reclamam. Debalde se tentará abafar esta voz, suffocar este dictame; em tanta maneira se impõem, que desatendel-as é grave risco de inevitavel perturbação.

Em verdade, Senhores, que o homem é um animal religioso; e em abrindo a historia, para logo se nos deparam as provas mais frisantes d'este asserto (1).

Os povos que mais se têm avantajado, esses que ainda hoje, depois de tantos seculos, nos assombram, e de cujos feitos grandiosos estão repletos os fastos da humanidade, foram além de tudo religiosos (2). É que a religião tem uma força excepcional, unica, para alentar animos, incutir coragem, instillar dignidade, aformosentar o character, robustecer e sobreelevar todas as aspirações nobres.

Promanando de um principio superior e dirigindo-se a elle, paira sempre em uma região calma e serena, que não póde, que não deve ser inquinada pelas paixões humanas, pois que é ella o aroma que preserva da corrupção as sociedades. Nunca um povo fundamentadamente se jactará de primeiro, em que seja o mais poderoso, senão fôr tambem o mais religioso.

Por isso em todos os estados sociaes a educação tem merecido especial cuidado, e preocupado sempre os que dirigem os povos; e o elemento religioso tem sido sempre considerado por todos como o mais proficuo e efficaz para a boa constituição das sociedades. É elle o mais solido alicerce que baseia o edificio social. Entre as escholas e opiniões varias que sobre tão momentoso assumpto se disputam primazias sobresahe, e sobreexcede a todas com reconhecida e indiscutivel superioridade, e até sem soffrer

confrontos, a alta sabedoria da Egreja que o Mestre Divino fez depositaria e guarda intemerata da sua doutrina sublime, irradiando, projectando vivissima luz sobre todos os espiritos para os esclarecer com fulgor e penetração incomparaveis (3).

Bem o sabeis, Senhores. Os factos respondem irrefragavelmente por esta verdade.

Para desconhecê-la seria necessario cerrar os ouvidos, ou ter ensurdecido aos brados eloquentes da majestosa voz da historia, que por seculos a vem pregoando.

É que ella abarca todos os tempos, todos os logares, agremia todas as nações, adapta-se a todos os gráus de cultura e a todas as condições das sociedades humanas. Esta acção universal estabelece-se no mundo pelo exercicio d'esse culto em espirito e verdade, ensinado pelo seu Divino Fundador (4), e cujas instituições offercem a todas as necessidades do espirito humano satisfações admiraveis.

Assim o comprehenderam os nossos maiores, e por isso com elle vincularam os actos da vida civica, para lhes dar uma consagração, em verdade proficua enquanto discretamente usada.

Esta feição geral não podia deixar de se imprimir na vida academica, e em observancia do nosso estatuto (5) e da sabia determinação do venerando concilio de Trento (6), que tambem é lei do nosso paiz (7), aqui nos achamos congregados para iniciar o novo anno lectivo em conformidade com aquellas prescripções.

Reparadas as forças no intervallo dos trabalhos escolares, e recuperado vigor para novas lides, ahi se nos depara vasto campo a todas as especulações scientificas. Para n'ellas entrarmos com passo firme é que hoje se abrem as portas d'este estabelecimento scientifico por um acto do culto catholico, «d'esse bello culto que tem acompanhado a nacionalidade portugueza desde o seu berço,» e que a nossa Universidade, mantendo e continuando as suas tradições já seis vezes seculares, benemeritamente pratica.

Nem ha receio que por isso venha a ser tida em menos apreço,

ou desdenhada como eschola do passado, pois a todos é bem evidente que o é também do presente e o será do futuro, como este mesmo culto, no qual se encontra sempre o espirito e a acção de Jesus:—*Christus heri, et hodie et ipse in saecula.*

Para gloria d'ella e satisfação de quantos a presam, e são muitos, cumpre notar que a nossa eschola tem sido o alfôbre dos homens publicos, e dos mais benemeritos do nosso paiz.

Aqui têm vindo elles adextrar-se, receber os elementos para as grandes lides da gerencia dos negocios publicos, e até muitos têm illustrado o nosso magisterio; aqui se têm educado as numerosas gerações, que nos precederam, e que tão afamada fizeram a nossa querida patria..., a nossa querida patria, que hoje por entre lampejos de esperança de tempos melhores vemos tão decahida e ameaçada!... Tenhamos n'esta conjunctura solemne e angustiosa a prudencia de notar, com a reflexão que cumpre, a lição da philosophia da historia: que cada nação teve a sorte que devia ter, e posto que os estados morrem, cada estado póde e deve aspirar á immortalidade; que nenhum estado florescente decahiu senão depois de ter abandonado as instituições que o tinham feito florescer; nenhum prosperou senão reparando as faltas e corrigindo os abusos.

Pois que assim é, e a religião que felizmente professamos tanto e sempre ha contribuido para o engrandecimento da nossa patria, é tempo de volvermos a ella as nossas mais serias attenções; e de nos esforçarmos por avivar as boas crenças que tanto alentaram os nossos maiores. «Envergonhemo'-nos do que houver máo e corrupto nos nossos costumes; envergonhemo'-nos de muitas vezes não seguirmos na vida pratica os dictames do Christianismo; não nos envergonhemos, porém, do culto dos sete seculos da monarchia.»

A razão de ser d'esta acção sagrada, as circumstancias excepcionaes, em que ella este anno é celebrada, a situação que atravessamos, as perplexidades que salteiam todos os espiritos, este

mal-estar que ao presente experimenta todo o bom cidadão portuguez, tudo me aconselha a vir inculcar a necessidade da crença religiosa para afervorar os brios nacionaes e esclarecer e illustrar os sentimentos patrioticos.

É aqui, onde vejo crescer e illustrar-se uma grande maioria da mocidade estudiosa do meu paiz, a flor da mocidade portugueza, é aqui, meus Senhores, que mais desafogadamente e com maior esperança de bom exito, eu posso e devo inculcar estas ideias, pregoar estas salutares doutrinas.

A alma se me expande em effusivo arroubamento, porque Deus assim o permite!

Nunca, ingenuamente o confesso, nunca o magisterio sagrado, que tanto amo, se me afigura tão majestoso e ennobrecido, nunca me sinto tão exaltado a meus proprios olhos, como quando tenho de o exercer aqui, n'este alcaçar da sciencia, no seio d'esta sabia Academia.

Não procurarei movimentos oratorios em rasgos de eloquencia, que nem d'isso possuo o segredo, nem os comporta a illustração d'este auditorio.

Direi singelamente, despretenciosamente e á luz da historia, sobre as relações entre a religião e o patriotismo.

Illustre Prelado, respeitaveis collegas, jovens estudiosos, suppri com a vossa muita e mui illustrada benevolencia as insufficiencias do orador, que para se desempenhar d'este honroso encargo invoca as luzes da divina graça.

I

A patria, a sociedade civil de que somos membros, ou antes filhos e sustentaculo, é digno objecto da nossa dedicação e dos nossos mais generosos e heroicos sacrificios (8).

Uma nação fórma um corpo, um ser, cuja unidade, força e vida, sendo para nós um facto necessario quotidianamente, constituem a mais estupenda maravilha.

Numerosas gerações esparsas em vasto territorio associam os seus esforços para um fim commum, e parecem pensar, querer, obrar, como um só homem.

Procura-se, e por muito tempo ainda se procurará, a razão fundamental das sociedades; qualquer, porém, que possa ser, nunca se explicará a sociedade politica se não se reconhecer e venerar em sua existencia a acção tão salutar e poderosa da Providencia. Só ella é capaz de produzir e manter essas afinidades mysteriosas, laços occultos e vida secreta dos grandes corpos, chamados nações.

Ha n'ellas elementos dissolventes que promovem a ruina, e lhe acarretariam o fraccionamento, se a mão que sustenta e rege o universo não coadunasse, não conservasse unidos os diversos elementos que compõem a sociedade.

Sim, só Deus póde conserval-a e mantel-a nas suas condições de unidade, de vida, de ordem e de prosperidade. Por isso o amor da patria acha nas crenças religiosas um mobil e um penhor poderoso.

É por designio paternal da Providencia que permanecemos indissolavelmente unidos ao paiz, á nacionalidade, para constituir o estado, e fazer d'elle uma grande familia, um povo de irmãos, livres, unidos e leacs. Assim o amor da patria brota espontaneo, tem sua raiz na consciencia humana, parte de nossa natureza, manifesta-se e desenvolve-se no ambiente dos estados politicos. É uma consequencia logica da propria natureza humana.

Os nossos affectos, os nossos sentimentos, o nosso character, o nosso modo de ser, dependem, em grande parte, do paiz em que pela vez primeira abrimos os olhos á luz, e do meio em que se desenvolvem as nossas faculdades, ao qual devemos as nossas primeiras e mais abundantes impressões.

A patria é pois alguma coisa que fórma parte de nós mesmos, a que devemos quasi todos os affectos purissimos que modelam e nutrem o nosso espirito, ao passo que nos ligam ás multiplices espheras sociaes em que a nossa actividade se desenvolve. A patria está em intimo contacto com a natureza; d'ahi procede a admiravel conformidade das tendencias e aptidões das differentes raças com a sua situação geographica.

Longe de nós, ainda assim, perfilhar por completo as theorias que sobre este assumpto vão correndo n'algumas escholas.

Não accetamos com Montesquieu a influencia decisiva do clima, nem com Herder podemos admittir que a natureza actua sobre o homem a ponto de o tornar um seu instrumento cego. Não accetamos como inspirador das acções do homem o meio ambiente de Augusto Comte, nem como unicos factores que determinem a existencia do homem, tal como é, a hereditariedade e a adaptação ao meio, tão preconizados pela moderna eschola anthropogenica, com Heckel á sua frente.

Mas se não concordamos com o que ha de exagerado n'estas theorias extremas, não podemos deixar de reconhecer que o homem vive e se desenvolve dentro da natureza, de que se torna a expressão mais acabada e perfeita. Essa influencia, porém, do meio cosmico de modo nenhum annulla a livre vontade do homem, nem exclue a intervenção da Providencia na formação da historia humana.

É pois certo que o amor da patria se confunde em certo modo com o amor da propria natureza (9).

D'ahi vem esse indizivel affecto, que irresistivelmente consagramos á terra da patria; d'ahi procede que a ella volvemos sempre vistas saudosas.

E porque é que, muitas vezes, deixando paragens amenas e apraziveis, corremos a ella apezar da aridez do solo, da aspereza do clima, do aspecto e do tracto, se não porque é a terra da patria, *nisi si patria sit?* (10).

II

Quando, porém, com a reflexão de um crente medito sobre as paginas biblicas, e vejo como o sancto amor da patria ahi é inculcado, favorecido, recommendado, imposto como um dever de consciencia tão sagrado e respeitavel, que pelo seu cumprimento lhe são deferidas as palmas do martyrio, comprehendendo melhor a alteza suprema d'esse dever sublimado pela religião.

N'este, como em todos os sentimentos nobres, o coração aqui não se contrahe, mas orvalhado pelos vivificantes influxos da divina graça, e suavemente aquecido aos seus fecundantes ardores, como solo uberrimo desentranha-se prodigiosamente em actos da mais excelsa heroicidade.

E quantos e quão grandes e generosos sacrificios se não tem imposto a religião pela patria!

O paganismo comprehendera que a religião deve ser o aroma que conserve o patriotismo como conserva a sciencia; vinculava, por isso, no mesmo affecto o altar e o lar: *Pro aris et focis*.

As imagens dos deuses, envolvidas nas préguas dos seus estandartes, presidiam aos combates; antes de se moverem e agitarem, seus valentes batalhões invocavam a Victoria.

Entre os povos gentilicos o que maior e mais duradoura influencia exerceu por suas conquistas territoriaes, por sua lingua e instituições foi inquestionavelmente o povo romano.

Pois desde tempos remotos a religião exerceu entre elle influencia consideravel assim na moral publica como particular.

Que magnificas provas não deram os primeiros romanos do seu amor á verdade e á justiça, á patria e á liberdade?! (11) E a esse amor entranhado, a essas nobres virtudes deveu Roma a sua grandeza.

O espirito religioso, ao principio intimamente ligado á constituição politica e civil da antiga Roma, desapareceu; e junctamente com a religião desapareceu a seriedade moral dos romanos.

Á proporção que diminue o respeito pelos deuses, oblitera-se o antigo sentimento, perde-se o desinteresse e a abnegação, entibia-se a força do patriotismo, que desapareceu com as outras virtudes (12).

Que exemplo! que aviso!

Entre o povo judeu o amor da patria toma fórmãs religiosas mais determinadas e precisas. A causa de Deus anda indissoluvelmente unida com a do povo, a arca saneta é levada á frente dos combates. Tem uma carta unica, outhorgada no Sinai e commentada pelos prophetas. O amor da patria é a força e o vinculo d'esse povo religioso.

Compulsemos os annaes e a litteratura d'esse povo excepcional, cuja dedicação patriótica é tão notavel como a sua existencia, e veremos pelas doutrinas e pelos factos como o culto da patria e o da religião se casam, se unificam por fórma a não poder separal-os.

A religião abraça a patria, mistura o nome abençoado da patria em suas preces e em seus canticos; estende azas maternas sobre ella para protegel-a contra sedições e tyrannias.

Deus, a familia, a patria, eis com effeito as grandes ideias que os livros sagrados ensinam (13).

Seus ensinamentos a mantêm na justiça que eleva as nações, os seus preceitos a defendem contra as paixões que tornam os

povos desventurados. *Justitia elevat gentem, miseros autem facit populos peccatum* (14).

As alegrias da patria são as suas alegrias, toma parte nas suas tristezas, associa-se a seus triumphos, nenhuma de suas glorias lhe é extranha ou indifferente.

Na historia do povo de Deus encontramos com effeito exemplos mui proprios a excitar, exaltar e estimular o sentimento patriotico pelo despertar das crenças religiosas. D'entre innumerous colheremos apenas alguns, notando que as epochas de esplendor correspondem aos periodos de maior zelo religioso.

Os interesses da patria foram sempre caros aos hebreus. Nunca hesitaram defendel-os até com risco da propria vida. Obedecem fielmente á lei que os obriga a todos a pegar em armas; quando lhes é declarada a guerra, a mobilisação realisa-se com louvavel presteza (15), e, se não é geral, a tribu que não é chamada queixa-se amargamente, e reputa-se ultrajada (16).

Othoniel, quando ainda se não havia extinguido a lembrança das maravilhas que Deus tinha operado a favor do povo, bem como as suas instantes recommendações, em avançada idade sem que a bravura o houvesse ainda abandonado, nem menos a sua piedade, contribue para chamar esse povo ao verdadeiro Deus, recordando-lhe tudo o que Jehovah lhe havia feito e tudo o que Josué havia feito prometter a seus paes, poz-se á frente do povo e por uma batalha decisiva alcança para Israel uma paz diuturna (17).

Os reinados de David e Salomão incontestavelmente marcam o apogeo da grandeza do povo escolhido.

Desde as margens do Oronte á torrente do Egypto é reconhecida e respeitada a auctoridade de David. É este periodo essencialmente guerreiro, mas com isso não é descurada a religião. Grande era o valor da arca da alliança, e bem sabido o seu destino depois dos desastres de Heli (18). Agora este sacrario das tradições religiosas e civicas é transportado da casa de Abinadab em Kiryath-Yarim, conduzido a Jerusalem, e collocado solemnemente na acropole de Sião (19). Pensa em lhe elevar um templo magnifico: «Eu habito

um palacio de cedro, diz elle ao propheta Nathan, e a arca de Jehovah é sempre encerrada em uma simples tenda! Quero que tambem ella seja alojada em um templo de cedro (20).»

A Providencia, porém, destinara o seu successor para levar a cabo esta gigantea empreza. E esse templo, cuja descripção se desenrola em alguns capitulos do livro dos Reis (21), tornou-se o padrão de maior gloria nacional. E conjuntamente com tamanho esplendor na parte religiosa, e, por sem duvida, como consequencia d'elle, progridem a navegação e o commercio, a ponto de dizer a Biblia que «no tempo de Salomão o dinheiro tornou-se commum em Jerusalem como pedras, e os cedros como os sycomoros que nascem nas campinas (22).» Esta brilhante prosperidade chegou, é certo, a corromper o coração do rei; mas isto, além de ser uma prova frisante da instabilidade das grandezas humanas, tambem o é da verdade que vamos fazendo vingar. A obediencia e observancia discreta dos preceitos religiosos é que podem felicitar os individuos e os estados, e o brilho de uma civilisação é ephemero se não baseia no cumprimento fiel d'esses preceitos.

Com o restabelecimento do culto do verdadeiro Deus em Juda desenvolve Asa sob todas as fórmas a prosperidade nacional (23). Josaphat, herdeiro das virtudes de seu pae, manifestou ainda maior zelo pelo culto nacional, procurando tambem reorganisar a administração e o exercito, e assim fez reinar a paz e com ella o aproveitamento de suas utilissimas reformas (24).

O culto de Jehovah foi tomado muito a peito por Ozias sob a feliz influencia do propheta Zacharias, e por isso tambem o seu reinado foi um dos mais gloriosos na historia dos Hebreos, assim pela prosperidade na guerra, como pelo desenvolvimento das artes da paz, da agricultura, e ainda pelos aformoseamentos da capital (25).

Isaias apresenta-nos um quadro animadissimo do estado moral e politico do povo de Juda no tempo do piedoso rei Ezechias. N'esta epocha da historia do povo judeu a litteratura hebraica, decadente desde Salomão, toma novo brilho; foi a edade de ouro

da poesia prophetica. Ao lado de Isaias florescia na côrte o propheta Micheas, de Moreseth. O bello cantico composto por Ezechias depois da sua enfermidade faz reconhecer em tão piedoso rei um dos melhores poetas da epocha (26).

As *Chronicas* nos referem que Josias começou as reformas religiosas desde os principios de seu governo. Uma circumstancia imprevista, a descoberta de um antigo e venerando manuscripto da lei, despertou ainda mais a solicitude religiosa do rei, ordenando ao povo que renovasse o juramento de fidelidade a Jehovah. A piedade e energia de Josias, auxiliadas pela corajosa dedicação do filho de Helcias, que prégava nas praças publicas, contribuíram poderosamente para o engrandecimento religioso pela destruição da idolatria, e por este meio para a prosperidade nacional. Por isso a desastrosa morte do piedoso rei levou o luto e a consternação a toda a parte, pois com elle desceu aos sepulcros de Sião o ultimo sustentaculo da religião.

Jeremias e todos os prophetas da epocha compozeram á morte d'este rei lamentações que ainda muito tempo depois se recitavam no anniversario da batalha de Mageddo. «Nunca antes d'elle houve rei mais dedicado a Jehovah de todo o seu coração, com todas as forças da sua alma; e em todas as suas acções, que foram sempre conformes á lei de Moysés, nunca outro lhe foi igual (27).»

Desd'este fatal acontecimento o reino de Juda, de quem podia esperar-se um momento de regeneração politica e religiosa, caminhou a passos agigantados para a ruina total, por se recusar a restabelecer em sua pureza o culto do verdadeiro Deus, como lh'o advertia Jeremias, «essa columna de ferro, esse muro de bronze em face dos reis de Juda (28).»

Ponderemos reflectidamente estas situações, e tenhamos a prudencia do confronto!

A quéda de Juda acarretou a expatriação de uma grande maioria d'este povo e dos mais notaveis cidadãos, o incendio do templo

e dos principaes edificios da capital; e em pouco tempo a magnifica Jerusalem foi transformada em um montão de ruinas. Foi esta catastrophe que inspirou os magnificos threnos do propheta de Anathoth. «Como é que a cidade, outr'ora tão populosa, está agora deserta! a que era grande entre as gentes se tornou como uma viuva abandonada! Chora dia e noite e suas lagrimas sulcam-lhe as faces. Nem um amigo que venha consolal-a. Os vizinhos trahiram-n'a e tornaram-se-lhe inimigos. Estão desertas as estradas de Sião, ninguém concorre ás suas solemnidades. As portas de Sião escancaradas, os seus sacerdotes soluçantes, as suas virgens lamentam-se, e ella afundada em afflicção. Os seus inimigos tornaram-se-lhe em senhores; os seus adversarios prosperaram. Jehovah arruinou-a por causa da multidão de seus crimes; seus filhos foram captivos para terra estrangeira (29).»

Nos primeiros annos do captiveiro Jeremias contra a opinião dos imprudentes aconselhava a supportal-o com paciencia, a trabalhar por cobrar forças a fim de chegar a oportunidade de sacudir o jugo.

Babylonia tinha seus dias contados. Os grandes imperios baqueiam como o roble ao embate do furacão; os pequenos, como «a junça do brejo,» resistem apesar de rijamente sacudidos (30).

Tenhamos fé, e sejamos doces ás lições da historia!

Os enfados do exilio são-lhe insupportaveis. Nehemias, devorado de tristeza, pede instantemente ao rei a sua repatriação (31); e quando longe de Jerusalem os Israelitas soffrem as amarguras de longo captiveiro, suspendem seus instrumentos musicos nos salgueiros das margens dos rios da Chaldea, engrossados com suas lagrimas, e recusam entoar os hymnos dos canticos do Senhor.

«Nós estavamos assentados nas margens dos rios de Babylonia e choravamos com a lembrança de Sião.»

«Suspendemos as harpas nos salgueiros das ribas.»

«Os oppressores pediam-n'os canticos; os inimigos queriam gritos alegres: Cantae-nos, diziam, algum cantico de Sião.»

«Como, porém, fariamos nós ouvir os louvores de Jehovah em terra estrangeira?»

«Se te esquecer, Jerusalem, que a minha dextra se mirre.»

«Que a minha lingua emmudeça, se me não lembrar de ti! se não puzer Jerusalem acima de todas as minhas alegrias!... (32)»

Os ditosos, que os vencedores haviam deixado na terra natal, reputavam-se felizes e, levando suas offerendas ao logar onde estivera o templo, assim cantavam: «arruinada como está amam teus servos a Sião, amam os escombros do templo, amam as cinzas dos seus maiores, lamentam a desolação da patria (33).»

Quando Antiocho, rei da Syria, resolveu destruir a lei dos judeus, brilha n'esta cruel conjunctura o exemplo do sancto velho Eleazar, que legou a toda a nação a lembrança da sua morte para estimulo de virtude e fortaleza (34); e o da mãe dos Machabeos com seus sete filhos, que entre os mais atrozes supplicios declaravam preferir morrer a violar as leis de Deus e da sua patria (35).

Quem ignora que n'essa commovente historia do patriotismo israelita avultam e sobresaem as grandes figuras dos Machabeos?

Ver as desgraças da patria é para elles uma dôr immensa, á qual preferem a morte (36).

Os sublimes discursos d'esses heroes immortaes, que todos eram sanctos, revelam patriotas religiosos.

Ao exhalar o derradeiro alento Mathatias, depois de recordar os nomes dos seus compatriotas, que de geração em geração se tinham distinguido pela sua confiança em Deus até ao heroismo, assim falla: Coragem, defendei com valentia a lei, por ella sereis gloriosos. E, no ardor dos combates, Judas, Jonathas, Simão repetem esta viril e magnifica linguagem (37).

O patriotismo inspirando-se na religião dá esta coragem, anima este esforço, e conduzindo calma e dignamente á gloria faz heroes.

Os Machabeos são d'isso prova certa, e no emtanto, nota um sancto Padre, não eram christãos! (38)

III

O patriotismo judeu era apenas uma figura do patriotismo christão (39). Jesus Christo, exemplar perfeito de todas as virtudes sociaes, é um perfeito cidadão, amou o seu paiz, amou a sua patria, amou o seu povo, deplorou as desgraças que ameaçavam Jerusalem (40).

Pela bem conhecida e profunda maxima da constituição christã: dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus (41), ensina a obediencia aos poderes constituídos, e proclama no interesse das consciencias a distincção e independencia das duas ordens: espiritual e temporal; mas não as separa, embora sabiamente lhes marque os limites.

Nas crises mais graves o patriotismo christão attinge proporções eguaes á immensidade das desgraças. Nunca este generoso e nobre sentimento se mostrou mais intelligente, nem mais dedicado, nem com maior abnegação do que quando foi dirigido pelos dictames do christianismo.

Haja vista o que sobre este importantissimo ponto nos ensinam alguns dos nossos progenitores na fé.

Calumniados em seus costumes, em suas doutrinas e em seus sentimentos civicos, por tres seculos estiveram os christãos expostos ao vendaval medonho de atroz perseguição.

N'ess'hora de angustia, acalanhados por leis de excepção, e não menos pela furia popular e pela má vontade dos magistrados, viram elles surgir d'entre o seu gremio vozes de protesto e de defesa.

Esses corajosos advogados, ainda antes de lhes vingarem o bom nome e de justificarem a philosophia de suas doutrinas, procuravam destruir as desconfianças do estado romano, que os considerava inimigos occultos de suas instituições, de suas leis, e até de sua existencia.

Assim leal e habilmente os apologistas christãos reivindicavam justiça para os sentimentos patrióticos dos seus correligionarios.

Se os imperadores houvessem comprehendido o alcance d'essas palavras, a historia houvera sido outra.

O imperio, joven ainda, assimilaria os elementos de vigor offerecidos pelo Christianismo, e as beneficas influencias d'este desenvolver-se-hiam facilmente em seu seio; depois, quando se deu a inevitavel reconciliação entre elles, era tarde. O mundo romano, envelhecido no interior e ameaçado no exterior, nem ao contacto com o Evangelho podia alongar os dias.

O imperio deixou passar a occasião que lhe proporcionava a Providencia.

A mão extendida pelos apologistas foi desdenhosamente repellida. Teria podido não o ser; e o facto de a ter lealmente offerecido mostra quaes eram em politica os sentimentos dos christãos esclarecidos (42). A sua fidelidade não deveria ter inspirado duvidas.

As memorias apologeticas de Justino, philosopho e martyr, dirigidas aos omnipotentes senhores do mundo, apresentam um modelo d'essa lealdade.

N'ellas falla o Christianismo por bocca de um digno embaixador, manifestando sem hypocrisia nem arrogancia os seus verdadeiros sentimentos para com o imperio romano.

Recorda Justino que os christãos mostram em tudo submissão exacta ás ordens emanadas da auctoridade, esforçando-se, mais que os outros, em pagar os tributos e as taxas aos que têm missão de as receber, reservando-se uma só liberdade, a da consciencia (43).

«Adoramos um só Deus, mas no mais obedecemos-vos com alegria, reconhecendo-vos como reis e principes dos homens, pedindo em nossas orações que com o poder soberano alcanceis tambem uma alma recta (44).»

Os christãos, além de serem subditos dedicados do imperio, tambem são «os seus auxiliares mais uteis, os que ensinam que

ninguem escapa aos olhos de Deus, o máo e o ambicioso, o conspirador e o homem virtuoso, e que todos recebem premio ou castigo eterno segundo o merito de suas obras (45).»

S. Justino faz sobresahir a efficacia social de tal doutrina, quantos crimes impede, que util soccorro presta ás leis. Estabelecendo a ordem nas almas, os christãos contribuem poderosamente para estabelecê-la na sociedade (46).

Temos alli o antecedente do celebre dicto do auctor do Espirito das leis (47).

Exprime-se Justino mais modestamente como convinha á situação e ao seu tempo, mas o tom firme e sincero de suas declarações revelam que não é qualquer que falla, mas um romano e um patriota (48).

Quinto Septimio Florencio Tertulliano, homem doutissimo e versadissimo nas coisas divinas e humanas; cujo maravilhoso genio abarca toda a philosophia, todas as suas seitas, auctores e disciplinas, todos os factos e todas as sciencias, e que, póde dizer-se, tinha tantas ideias como palavras, e em cada ideia uma victoria (49); de quem, como de Origenes affirmava o grande Jeronymo, admiramos o talento e o saber, e reprovamos os erros (50), muitas vezes se refere á dedicação civica dos christãos.

Um pro-consul da Africa procedia cruelmente contra elles; Tertulliano dirige-lhe uma exhortação (51):

«Não te queremos amedrontar, nem te receiamos; procuramos salvar todos os homens, bradando-lhes: *não faças guerra a Deus*. Não somos réos de lesa-majestade, porque um christão sabe que é Deus quem constituiu o imperante, e por isso reputa uma necessidade amal-o, honral-o, orar pela prosperidade do imperio (52).»

São ainda mais para notar as immortaes palavras, com que o grande apologista africano põe bem em relevo a dedicação civica dos christãos na mais sancta e douta apologia (53). O seu pensamento politico é clarissimo; inspira-se n'este sentimento de sub-

missão religiosa e ardente patriotismo, de que se mostram animados os principaes interpretes da doutrina evangelica nos primeiros seculos.

«Os christãos não devem ser accusados por se recusarem a sacrificar ao imperador e chamar-lhe Deus, que é uma lisonja miseravel. Oramos pelo imperador, pelos seus ministros, pela auctoridade, pela tranquillidade e prosperidade do Estado, pelo exercito, pelo senado e pelo povo. E não se diga que somos cidadãos inuteis e improductivos; ao contrario tomamos parte em todos os ramos da actividade social.

Exercemos o fôro, trabalhamos nas officinas, dedicamo'-nos ao commercio, somos agricultores, militamos no exercito, cultivamos as lettras e as sciencias, publicamos obras para vosso uso. Em verdade que não sei como nos podeis considerar cidadãos inuteis, a nós que assim concorremos comvosco n'este labutar da vida. Pouco tempo contamos de existencia, mas alastramos já por toda a parte, atulhamos as cidades, as ilhas, os castellos, as assembléas, os campos, as tribus, as decurias, o palacio, o senado, o tribunal, o forum; apenas vos abandonamos os templos. A que atroz e exterminadora guerra não estaríamos dispostos, se a nossa doutrina nos não prescrevesse antes morrer do que matar, nós que soffremos tão resolutamente a morte?!

Até sem pegar em armas, e sem nos rebellarmos podíamos punir-vos: retirando-nos.

As cidades ermas parecer-vos-hiam verdadeiras necropoles; em vão procuraríeis a quem governar. Teríeis mais inimigos do que cidadãos, porque, se agora tendes menos inimigos, é por causa da prodigiosa multidão de christãos!»

Os outros apologistas, indo na esteira dos que os precederam, continuam a tradição fiel aos ensinamentos apostolicos.

O que ha de bom no mundo antigo — na esphera dos espiritos, a philosophia, na esphera das realidades tangiveis, o imperio — não possui amigos mais dedicados.

Athenagoras, philosopho atheniense convertido, dedica a sua apologia aos imperadores.

Falla-lhes como fiel subdito: «Nós, a quem chamam christãos, não fazemos mal a ninguem. Quem mais do que nós é digno de ser attendido, nós que desejamos a prosperidade, o augmento e a paz do imperio? (54)»

Os bispos fallam como o philosopho; é a mesma linguagem entusiastica e leal. Com as reservas dictadas pela fé encontram-a sob a penna de Theophilo, bispo de Antiochia (55), e de Melitão, bispo de Sardes.

Um homem que tinha sido consul, prefeito, mestre em Roma, Ambrosio, um dia arrancado a esse meio popular e consular e transportado á séde curul dos que pascem a grei christã, escreveu em o livro, cujo titulo imitou de Cícero, e que lhe não é inferior: que a justiça tem um quadruplo desenvolvimento, que a justiça dos christãos primeiro se dirige a Deus, em segundo logar á patria, em terceiro á familia, e emfim á humanidade; e continuando em sua linguagem poetica cheia de energia accrescenta: Procuraes a felicidade, procuraes a nobreza, é justo; mas não sei que haja felicidade superior á da alma que quer servir o seu paiz... Procuraes a nobreza e a honra, não conheço honra maior do que a honra e a nobreza da alma que se esquece de si, da familia, dos que o cercam, e contemplando a imagem da patria lhe parece assaz bella e seductora para lhe consagrar o coração, para lhe sacrificar a vida. Falla este sancto Padre, como outr'ora os mais dedicados filhos da Grecia e Roma: «O cidadão deve reputar-se mais feliz em conjurar os perigos da patria do que em escapar elle a um perigo (56).»

E no seu procedimento mostrava-se harmonico com seus escriptos.

Vandalos, Suevos, Godos e Alanos, commandados por seu chefe Radagaise, assediam Milão, e o piedoso bispo com o auxilio de Stilicão, general de Honorio, defende a cidade (57). Enquanto o

genio da lingua grega e do paganismo inspirava a Claudiano frios elogios, Ambrosio escrevia cartas patrioticas e christãs em honra d'esse general (58).

Tambem cada pedra de Milão ainda hoje respira a lembrança de sancto Ambrosio, e o antigo *duomo* recolheu as suas cinzas!

O reconhecimento dos povos não é um vão ruido quando se transmite atravez das edades! (59)

Na terra da Africa os mesmos exemplos confortam o coração. Quando os barbaros ameaçam a Cyrenaica, os sacerdotes sublevam as populações e as conduzem do templo ao combate.

Por toda a parte os vemos organisando e dirigindo a defesa, fallando a suas ovelhas, deplorando as desgraças da patria.

Saber que o paiz está salvo, em que por elle fosse necessario morrer é o voto do notavel discipulo da celebre Hypathia, Synesio (60).

Em uma catastase dirigida aos chefes romanos, instando grande invasão de barbaros, em primorosa linguagem revela, com um distincto zelo episcopal, um profundo amor patriotico. Dominado por estes dois sentimentos, este bispo de Ptolomaida pungentemente deplora as desgraças da religião e da patria (61).

Sidonio Apollinario lança um grito de alarme aos Arvernos para defender contra os godos as muralhas da cidade, de que é pastor, Clermont, que, depois de longo cerco, denodadamente defendida, apezar da attitude heroica do seu bispo, vai cahir nas mãos d'aquelles barbaros (62).

É imponente a coragem d'estes homens para salvar a civilisação antiga; procuram, é verdade, erigir sobre as ruinas d'ella sociedades novas, mas que sentidos threnos não fazem ouvir antes que se resignem a acceitar essa missão!

É por entre o mais vergonhoso abandono dos espiritos e das coragens, diz Villemain, é n'um imperio governado por eunuchos, invadido pelos barbaros, que um Athanasio, um Ambrosio, um

Chrysostomo, um Agostinho, prégam a moral mais elevada, a mais sublime eloquencia.

Na derrocada do imperio só o seu genio permanece firme. Parecem fundadores no meio das ruinas (63).

É necessario ver chorar Jeronymo e Agostinho sobre a quéda de Roma, é necessario ler as paginas de eloquencia sublime, que esta calamidade lhes inspira, para melhor apreciar o seu patriotismo.

Haviam-se cumprido os fataes destinos de Roma: a cidade eterna attingira o seu termo, a cidade deusa era profanada, a cidade victoriosa do mundo, a cidade dos reis fôra saqueada e vencida. Alarico entregara-a por tres dias e tres noites á espada e ás chammas.

Quando Roma, assim vencida, acorda o mundo com o estrondo de sua quéda, é tão dilacerante a dôr de Agostinho, que para consolar o seu povo e consolar-se com elle condul-o ao calvario, e com os olhos fixos na cruz compara as desgraças que os flagellam á suprema desgraça da morte de Christo. *Appende cum Christo Romam; appende cum Christo universum mundum.*

Aterrado com os triumphos dos Vandalos, pede a Deus que ou proteja a sua cara Hippona ou lhe poupe com o beneficio da morte o horrivel espectaculo de uma tal victoria (64). E logrou deixar a vida antes que os barbaros talassem o seu paiz e saqueassem a sua séde episcopal. Foi elle o ultimo homem eminente da Africa; depois d'elle começa a barbaria.

É na solidão de Bethlem que Jeronymo recebe a noticia da tomada de Roma; e nas mais plangentes expressões traduz nobremente as dolorosas impressões do seu espirito, a afflicção enorme do seu coração de sacerdote, em que achava uma eloquencia commovida, capaz de causar inveja ao orador romano.

Nunca nos seus mais bellos dias o forum ouviu accentos tão patheticos.

A noticia chegou-lhe quando redigia o seu commentario a Ezechiel. Suspendeu-se assombrado, como se o não tivera pre-

visto, como se no seu commentario a Daniel não houvesse apontado aos terrores do mundo esse colosso, que tinha pés de argilla. A penna caliu-lhe da mão; quedou-se melancolico e taciturno: «calei-me, nos diz, porque senti que era tempo de lagrimas...» *Diuque tacui, sciens tempus esse lacrymarum* (65).

Depois sua imaginação ia procurar nas poeticas pinturas do saque de Troia uma ideia das medonhas scenas de que Roma fôra theatro, e repetia com Virgilio, seu auctor favorito: Quem referirá os factos d'essa noite cruel? quem pela palavra explicará tanto morticínio? quem poderá egualar as lagrimas á dôr? Uma cidade vetusta vem de ruir depois de dominar por longos seculos! (66)

Em Roma os melhores cidadãos, os soldados mais valentes haviam recebido o baptismo, e muitas vezes se embriagavam na taça eucharistica, *Ebrii erant Christi sanguine* (67).

Os concilios condemnam e fulminam os cobardes que abandonam as aguias romanas (68).

Não é licito esquecer aqui e deixar de rememorar a valentia, denodo e intrepidez com que a heroica legião de Mauricio combateu pela defesa do solo da patria, o que tão ingratamente lhe foi compensado por quem mais devera ter na conta merecida tão importantes serviços (69).

IV

Como certamente, Senhores, haveis observado na exposição, embora incompleta e imperfeita, que acabo de fazer-vos, não ha em as differentes circumstancias, e nas situações variadissimas assim dos individuos como dos estados, antagonismo nem incompatibilidade entre o amor da religião e o amor da patria; antes

esses amores se attrahem e resumem em um ineffavel e identico sentimento, ha entre elles perfeita affinidade.

«A patria, escreveu um principe da tribuna sagrada em França, é a nossa Igreja do tempo, como a Igreja é a nossa patria da eternidade; e se a orbita d'esta é mais vasta do que a d'aquella, têm no emtanto ambas o mesmo centro, que é Deus; o mesmo interesse, que é a justiça; o mesmo asylo, que é a consciencia; os mesmos cidadãos, que são o corpo e a alma de seus filhos (70).»

O amor da patria triumphava de todas as paixões, resiste a todos os interesses, não se deixa vencer por nenhuma ingratição. Foi cultivado pelo gentilismo. Manifesta-se então em gloriosas luctas, exprime-se primorosamente em Roma e em Athenas em magnificos discursos; são-lhe consagrados os mais bellos canticos da poesia antiga.

Todavia o patriotismo gentilico é estreito, exclusivo e cruel.

Depois de suas brilhantes conquistas o imperio romano contava mais escravos do que cidadãos. Fóra de Athenas não ha nem luzes, nem justiça, nem deveres; até o Lacedemonio é a seus olhos um povo barbaro. O patriotismo christão tem outros caracteres, sua esphera é mais ampla; não abrange só o solo natal, mas a unidade da patria, transpõe as fronteiras, estende-se ás allianças.

As guerras desde que o christianismo foi prégado são em menor numero e menos cruéis.

A incontestavel superioridade d'este patriotismo é devida á vulgarisação das ideias moraes, ás influencias do Evangelho, que civilisou o mundo; mas não recua diante das aggressões injustas e das questões de honra e brio nacional. Sob este aspecto é da mais delicada susceptibilidade, porque é cioso de sua dignidade. Diante das humilhações da patria não hesita, não vacilla!...

Na defesa do pavilhão nacional mostra-se intrepido, audacioso, denodado, heroico. As difficuldades não o aterram; corre, vão com ardimento ao perigo. Morrer pela patria deve ser para o christão em certas circumstancias a maior felicidade, pois tal morte é uma gloria que precede e merece outra, que é eterna. Sustentada pelas

vistas da fé, a coragem do soldado christão exalta-se; as promessas de Deus, que corôa os martyres do dever, e o reconhecimento da Igreja, que lhes dá logar com os Machabeos e os Mauricio nos sagrados diptycos, excitam suas energias e o fazem invencivel. É por isso que um ministro da guerra francez pronunciou do alto da tribuna no parlamento estas palavras: «para caminhar resolutamente á morte, o soldado tem necessidade de crenças.» Seria, na verdade, uma insensatez morrer pela patria, se os heroes dos combates fossem sepultados em seus tumulos sem recompensa e sem esperança!

V

A fé e a esperança é que alentam animos e dão esforço nas crises mais angustiosas.

Para confirmação d'esta verdade não temos a mendigar exemplos extranhos; relanceemos os olhos pelo livro de ouro em que estão escriptos os fastos da nossa terra: ahi se nos deparam os mais aprimorados.

N'essas paginas magnificas estão escriptos, aureolados da mais refulgente gloria, os nomes illustres d'esses venerandos heroes, que animados pelo conforto das crenças christãs «se fizeram tão subidos; engastaram magnificos florões no diadema da patria (71), d'aquelles verdadeiros heroes, que entre os mais afamados invejara, e cobiçara Roma para seus filhos, e que enquanto no mundo se der preço á virtude, serão n'elle estimados, conservando na memoria e na tradição dos seculos o pedestal firmissimo da estatua da fama de Portugal.»

Desde os plainos de Ourique e as famosas victorias que «arraigaram no solo com mão robusta a nacionalidade portugueza até aos de Aljubarrota; e desde as façanhas homericas dos cavalleiros, a que difficilmente sobrepuja o rei popular, o mestre de Aviz,» até

aos heroes de 1640; e desde esse glorioso resurgimento até aos que fizeram eclipsar a estrella do anjo da victoria, todos como ao Gama faz dizer Camões «tiveram na alma escripta a lei d'aquelle, a cujo imperio obedece o visivel e o invisivel, d'aquelle que creou todo o hemispherio, tudo o que sente, e todo o insensivel; d'esse Homem-Deus, que padeceu deshonra e vituperio, soffrendo morte injusta e insoffrivel:»

E que do céu á terra enfim desceu,
Por subir os mortaes da terra ao céu (72).

Com effeito, Senhores, desde «o primeiro Affonso, na fé todo inflammado, cuja lança escura faz qualquer extranha gloria,» até aos combates e victorias da guerra peninsular, ganhas sobre as aguerridas tropas do heroe de Austerlitz, sempre, com desassombro o dizemos, em peitos portuguezes se vinculou estreitamente o amor da patria e o da religião; por isso nós lhe recordamos os nomes com saudosa veneração e profundo respeito.

Conta-se que Affonso Henriques, quando viu na tomada de Santarem, seus homens de armas, despedaçados os ferrolhos, e dentro do castello, ajoelhara no liminar d'aquellas portas, n'um movimento de enthusiasmo religioso, agradecendo a Deus o abri-lh'as. D'aqui surgiu o mosteiro de Alcobaça. Por motivos identicos se ergueram Sancta Cruz de Coimbra, S. Vicente de Fóra, Nossa Senhora dos Martyres, S. Jorge e S. Martinho em Lisboa, e tantos outros templos!

A viva fé n'estes e n'outros milagres, diz o vernaculo cantor da Primavera, renovava e accendia a devoção, que n'aquelles peitos vestidos de ferro se transformava em valor bastante a romper por tudo: nem de menos se carecia que de maravilhas para abonar a presença do Deus das victorias em arraiaes já quebrantados da fortuna (73).

E não é só a bravura e denodo militar que em o nosso paiz tem crescido á sombra da fé, tambem a dedicação civica sob todos

os aspectos d'ella tem recebido as mais salutaes inspiraçoẽs em serviço da grande imagem da patria.

Bem conheceis, Senhores, os innumeros factos que esmaltam e sobredoiram a memoria de tantos benemeritos, que sem vaidade nacional podemos comparar aos que mais se distinguiram entre os outros povos.

«Portentosas foram antigamente aquellas façanhas, ó Portuguezes, com que descobristes novos mares e novas terras e déste a conhecer ao mundo o mesmo mundo.»

Ocioso será lembrar os nomes de Egas Moniz, de Fuas Roupinho, Nuno fero, o illustre Gama, os Affonsos, Pacheco fortissimo, os temidos Almeidas, Albuquerque terrivel, Castro forte, e outros em quem poder não tem a morte.

Chamarei agora e mui rapidamente a vossa attenção para dois nomes, dois astros rutilantes da fulgentissima constellação, que scintilla no céo purissimo de Portugal n'uma das epochas mais brilhantes da sua historia, n'esse tempo da grande epopea, «que por mar e por terra foi escripta pela ponta da espada e pelos arrojõs nauticos d'essa pleiade,» que tanto illustrou o reinado de D. João I «que com Deus e o proprio montante tinha em nada Castella» e o seguinte.

Fallo de D. Nuno Alvares Pereira e do infante D. Fernando.

Do primeiro podemos afoitamente affirmar que foi um sublimado heroe e um verdadeiro christão. Nenhum guerreiro encarou jámais a morte com maior intrepidez. No mais recrescido ardor do combate, o condestavel corria perante o Deus das victorias, e lhe implorava seu efficaz soccorro por meio dos rogos mais fervidos e vehementes.

Depois de lidar como alentado campeador, como guerreiro denodado, e como conselheiro experimentado, resolveu encerrar-se no convento dos carmelitas de Lisboa sob o nome de Nuno de Sancta Maria.

D. Fernando, havendo ficado em reféns para garantia da promessa da entrega de Ceuta depois do desastre de Tanger, foi elle o primeiro a aconselhar *que se não entregasse aos moiros nem um palmo de terra portugueza*; e com uma constancia heroica sacrificou a sua existencia em flor, sepultando-se nas trevas de um carcere, onde enfim morreu martyrisado, sem que dos labios se lhe exhalasse um queixume, sem que nunca perdesse a doce serenidade. Os poetas que tomaram para assumpto de suas composições o martyrio do infante D. Fernando disseram n'ò — *principe constante*; a historia com razão melhor o designou com o epitheto de — *Infante sancto*, porque essa resignação do que soffria pela patria lhe vinha das convicções religiosas.

Religião e patria: tal tem sido a divisa dos «homericos vultos da nossa terra, que Deus pejeja por quem estende a fé da Madre Igreja, e não ha muro tão gastado da antiguidade, e tão fraco em Portugal, em cujas pedras não esteja escripto com lettras de bronze: *Verbum Domini manet in aeternum* (74).»

Que se não percam essas boas tradições; lidemos por conservar-as fielmente como herança preciosa, restaurem-se com sollicitude para que nos dias de lucto, nas horas de perigo, o sacerdocio e o exercito, o professorado e a magistratura, a industria, a agricultura, o commercio, todas as classes enfim mostrem dedicacão sem limites; esta é e tem sido a superioridade do patriotismo portuguez influenciado pelas crenças christãs.

Sejam as classes illustradas que para edificacão publica dêem o exemplo, a que as outras se componham.

Não é com as agitações que podem produzir a anarchia, nem com as irreflectidas preoccupações dos interesses materiaes, nem com a immoderada effervescencia das luctas partidarias, que podemos preparar um futuro prospero á nossa patria.

*Non tali auxilio nec defensoribus istis
Tempus eget.*

Recordo com desafogo e convicção estas palavras do Mantuano.

«Não nos desviemos do lustre e do valor dos passados em gostos e vaidades atolados. Seja o amor da patria não movido de premio vil; mas alto, e quasi eterno (75),» pois que pertencemos á gente portugueza, tão amante da gloria da patria, «palavras formosissimas, palavras de anjos—patria e gloria!»

Mas, ah Senhores! a patria é em lucto, o brilho de sua gloria empanou-se!

Atravessamos um d'esses transes que deixam fundo e doloroso vestigio na historia dos infortunios dos povos.

Força é reconhecê-lo, em que a todos nos punja e torture atrocissimamente, este outr'ora rutilantissimo astro, que refulgia no céo purissimo das nações nobremente engrandecidas, agora está obumbrado; d'ahi esta anciedade, esse mal-estar que á hora que agora é possui e domina todo o portuguez.

Uma nação poderosa, esquecida de que «a amizade não deve ser entre os estados menos sagrada, nem menos fundada na estima que entre particulares (76);» deslembrada dos mais rudimentares principios de direito internacional e contradictoria consigo mesmo na tradição historica, esquecida da gloria que nos cabe «de lhe havermos ensinado, a ella e ás outras grandes nações, o caminho das conquistas e do poderio (77);» tracta-nos como se fossemos o opprobrio das nações! (78)

Perdoae, Senhores, esta ingrata referencia, que vem de molde a vibrar as fibras mais intimas de um coração portuguez, a estremecer o mais exquisito e sensível patriotismo.

Se estrangeiros esquecem os titulos que baseiam os nossos mais incontestaveis direitos, e por sobre o nome portuguez «escripto com a espada na face das cinco partes do mundo» pretendem passar a esponja do desdem; se obliteram os tantissimos titulos que nos devem impôr ao respeito do mundo; não os esqueçamos nós, recordemol-os sensatamente, varouilmente.

Não esqueçamos que «quem se faz respeitar pela fidelidade,

pela justiça, pela prudencia e pela coragem, nunca terá necessidade de comprar amigos (79).»

Recordemos que «a defensão da patria está em saberem seus filhos pelejar por ella, quando o soldado estrangeiro ousar accommetter a terra que nos herdaram nossos paes, e onde elles morreram livres, como nós havemos de morrer.»

Não esqueçamos que já «dêmos ao mundo os mais subidos exemplos de quanto é forte uma nação pouquissimo numerosa, quando crê na propria virtude e confia na protecção de Deus.» Sim, na protecção de Deus! Ah! como aqui me sinto irresistivelmente necessitado a citar-vos as palavras de um nosso grande mystico e notavel classico, o carmelita Fr. Thomé de Jesus.

Era depois d'aquella fatal jornada d'Africa!...

Captivo em Berberia, o digno irmão de Diogo de Paiva de Andrada, contemplando a sua situação e a da patria querida, embebendo-se nos arroubamentos da contemplação ineffavel dos *trabalhos* de Jesus, procurava ministrar em um livro admiravel (80) balsamo e conforto a seus compatriotas.

Na carta em que faz a dedicatoria da sua obra á nação portugueza, referindo-se á protecção de Deus a Portugal assim se exprime.

«Christianissimos portuguezes, não façaes conta da ignorancia dos que vos têm por nação já desamparada de Deus, e desfavorecida d'elle pelos muitos trabalhos que nos tempos presentes vos deu... Lembrai-vos das grandes mercês que vossa nação tem de Deus recebido, e a muita honra que por ellas entre todas as nações quiz esse Senhor que tivesséis. E confiai que nenhuma mudança são poderosas para escurecer vosso nome: se de vossa parte não faltar firme fé, e segura confiança na bondade, e peder d'aquelle Senhor que sempre até agora vos alentou e favoreceu! (81)»

Que unção e que suavidade n'estas palavras! como soam bem aos nossos ouvidos, como fallam amavelmente aos nossos corações de crentes e de portuguezes! São uma affirmacão, devem ser para nós um incitamento!

Sopeio a custo o desejo, e refreio a tentação de mais largas e

numerosas citações, que ao nosso proposito se nos deparam no vastissimo campo da nossa opulenta litteratura, «nos aureos volumes dos fastos portuguezes que terão o mesmo apreço, e a mesma estima, e talvez ainda maior respeito, e acatamento, que nós hoje consagramos aos Livios e aos Tacitos, porque n'estes só se guarda o deposito das superstições, e dos vicios, e se lêem os crimes dos tyrannos entre os prestigios polidos de um estylo elegante, e n'aquelles só descobrirão os milagres do amor da patria sanctificados pela religião (82).»

«Ainda mal que memorias, e só memorias, são tudo o que d'essa gloria nos resta!»

Representam o brado ingente de patriotismo e crença christã, que reboa sob as magnificentissimas abobadas do grandioso templo da litteratura nacional.

Não acabo, porém, commigo que não cite alguns trechos do monumental Sermão que o principe dos oradores portuguezes prérgou pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda, pois que em muitos pontos parece composto para a situação actual.

«... as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas, que por meio dos Portuguezes obrou em tempos passados vossa omnipotencia, Senhor, vossa mão foi a que venceu, e sujeitou tantas nações barbaras, bellicosas e indomitas, e as despojou do dominio de suas proprias terras, para n'ellas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raizes; e para n'ellas os dilatar, como dilatou e extendeu em todas as partes do mundo: na Africa, na Asia, na America. Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuiram, e as gentes e leis que avassallaram; senão a virtude de vossa dextra omnipotente, e a luz, e o premio supremo do vosso beneplacito, com que n'elles vos agradastes e d'elles vos servistes. Porém agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo, e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneais como d'antes os

nossos exercitos. Os que tão costumados eramos a vencer e triumphar, não por fracos, mas por castigados fazeis que voltemos as costas aos nossos inimigos, e perdidos, os que antigamente foram despojos do nosso valor, são agora roubo de sua cobiça.

Não fôra tanto para sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas tambem esta a passos contados se vai perdendo: e aquelle nome portuguez, tão celebrado nos annaes da fauna, já o hereje insolente com as victorias o affronta, e o gentio, de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

.....

Os Portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistaram á custa de tantas vidas, e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome, e vossa fé (que esse era o zelo d'aquelles christianissimos reis) que por ampliar e extender seu imperio.

.....

Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, porque foi o trabalhar, porque foi o derramar tanto e tão illustre sangue n'estas conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastámos os ventos, e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de Portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias sem sepultura, ou sepultados nas entranhas das feras e dos peixes, que as terras que assim ganhámos, as hajamos de perder assim? (83)»

VI

Chegados a este ponto, e sendo certo que o amor da patria e o da religião se vinculam estreitamente, e não menos que o no-

bilissimo sentimento de patriotismo carece de ser fecundado pelo rocio da crença christã; e pois que assim orvalhado floresceu elle e se agigantou entre nós em os tempos da nossa pristina grandeza, que nos resta senão volver um olhar retrospectivo e verificar que temos um *deficit* consideravel?

As boas crenças antigas têm-se entibiado, força é reconhecê-lo; e com ellas têm esmorecido os outros sentimentos que n'ellas tinham seu mais seguro esteio.

Para que occultar ou dissimular? O momento não é para menos do que a lealdade a mais lidinamente portugueza (84), e não sei nem quero faltar ao que devo ao meu ministerio e a vós, Senhores, á vossa obrigante e benevolentissima expectativa.

Precisamos de uma renovação, de um rejuvenescimento: assim o está clamando a consciencia publica por meio dos seus variadissimos órgãos.

Pois bem, mettamos hombros a tão impreterivel como esperançosa e sorridente empreza, cada um na medida de sua esphera.

Soffreemos as inglorias dissensões domesticas, em que tantas energias se gastam improficuamente, nocivamente.

Procuremos adquirir pela reflexão essa paciencia prudente que domina os acontecimentos, essa magnanimidade que triumphava de todos os obstaculos.

Deve merecer especial cuidado a educação da juventude: é d'ella, da sua boa direcção, que em grande parte depende a realisação do nosso ideal de grandeza e prosperidade da patria.

O grande philosopho e mathematico, Leibniz, assim disse: «sempre julguei que se reformaria o genero humano reformando-se a educação da juventude. A boa educação da mocidade é o primeiro fundamento da felicidade humana.»

O notavel bispo de Orleans, ha pouco fallecido, em um livro sobre educação assim escreveu: «Se perguntamos a Hespanha e a Portugal e a outras nações celebres a historia de suas desgraças, responderão talvez: decahimos desde que, faltando-nos a educação, nos faltaram os homens (85).»

Pois se os espiritos eminentes dos paizes mais avantajados assim nos apontam com philosophica reflexão, por que não teremos nós a prudencia, a sabedoria de ouvir-lhes as advertencias?

Tenhamos fé, Senhores, que Deus fez salvaveis as nações: *Sanabiles fecit (Deus) nationes orbis terrarum* (86). Tenhamos presente que o fasto e todas as forças de Xerxes vieram quebrar-se contra a coragem, a disciplina e a liberdade dos Espartanos e dos Athenienses.

Revigorisemos a vida nacional, retemperando-a no banho salutar de uma seria educação, solidamente firmada no indestructivel pedestal das crenças religiosas.

Cortemos cerce por quaesquer prejuizos, e vamos serenamente e com passo firme e resolutos até onde nos estão apontando as nossas gloriosas tradições.

Isto reclama o bem da nossa patria; e em conjuncturas taes o amor da patria é a lei suprema.

Sabios professores, a vós cabe n'esta obra uma parte considerabilissima. Timbre é vosso, e mui honroso, o cumprimento fiel e exemplar dos deveres profissionaes; assim bemmereceis dirigindo a mocidade que aqui vem instruir-se; e este bom exemplo no cumprimento do dever não é, sob o aspecto moral, nem a menos delicada, nem a menos proficua parte da vossa ardua e gratissima tarefa.

É muito, na verdade, mas não é tudo. Bem sei que me fallece auctoridade para assim vos fallar; mas, se me fallece auctoridade, sobejam-me provas de deferencia para crer que m'ò relevareis.

O juramento que ides prestar, respeitaveis collegas, traduz e é prova das vossas crenças religiosas, sem as quaes não ha em qualquer empreza penhor seguro de bom exito.

Este acto, celebrado em luzida solemnidade, não póde deixar de influir beneficemente no animo dos nossos estudantes, que assim estão presenceando a alliança, tão natural e tão suave, do amor e

do culto mais entranhado e inquebrantavel da sciencia com estas boas e salutaes crencas de seus dignos mestres.

Este procedimento lhes serve de edificacão, e contribue efficazmente para roborar-lhes a moralidade; e assim é completada a missão do magisterio.

Não repellem elles estes bons exemplos; ao contrario acatam-n'os, respeitam-n'os e seguem-n'os. Despertam-lhes e avivam-lhes as impressões gratissimas da primeira idade, em que no lar paterno beberam a educação religiosa.

Se no ardimento proprio dos verdes annos alguns sentem amorticidas tão doces impressões, agradecerão tudo o que contribua a despertar-lh'as. Pois quem ha ahi que não sinta suavissima consolação, prazer indizivel e intimo em acordar os echos da voz materna, que com amor estremecido, por entre aquelles afagos e inolvidaveis caricias, que só o coração de mãe sabe liberalisar, lhe ministrou os primeiros elementos da educação religiosa, lançando assim os mais solidos alicerces da vida moral?

É provado, pois as excepções por diminutas devem esquecer-se, é provado que a juventude estudiosa é sempre reconhecida, e compensa largamente estes bons serviços.

Se n'uma allucinação momentanea parecer olvidal-os, sobrepujemos nós com desculpas generosas as irreflexões e as verduras da mocidade, mostrando ainda sob este respeito amor ao magisterio e bem servindo assim a patria.

O paiz, grato a tantos e tão valiosos serviços, continuará a bemdizer e a venerar a nossa Universidade.

A vós, estudiosos moços, a vós, florentissima juventude, responder com reconhecimento e docilidade. Não faltareis, que é brio de almas nobres reconhecer e acceitar tudo quanto é bom e justo; e não sei que haja coração nem mais generoso nem mais bello do que o da mocidade estudiosa.

Não se deixa dominar por interesses grosseiros, nem obcecar por ambições rasteiras; ao envez, aspira elle a peito cheio as fra-

grancias e olores purissimos dos vicejantes e perfumados campos das grandiosidades heroicas.

Coração pulcherrimo, palpitando sempre e alando-se com vôo rasgado aos mais puros, aos mais elevados ideaes.

Este o tradicional conceito dos estudantes da Universidade de Coimbra; não o desmentireis, não renegareis os titulos nobiliarios que por seis seculos vos herdaram as gerações idas.

Bem certo que a geração presente saberá, atravez de todas as vicissitudes, honrar e accrescentar herança tão valiosa, acceitando com toda a hombridade e cumprindo religiosamente os encargos d'ella, que n'esta propria hora são grandes e onerosos. Hora é de responsabilidades e de sacrificio; impreterivel é pois immolar nas aras do amor patrio tudo o que possa annueal-o.

O futuro é vosso, mancebos estudiosos; pertence-vos o porvir.

A patria vos considera complacente; de vós, de vossos talentos e discreta actividade espera relevantes serviços; a cada um corre o dever de prestar-lh'os, qual a qual mais desinteressada e dedicadamente.

N'outra solemnidade, vozes mais auctorizadas que não é a minha, quando os mais distinctos d'entre vós subirem ao capitolio a receber as recompensas merecidas, eloquentemente vos incitarão ao estudo, que é preparação para o digno desempenho d'aquelle indeclinavel dever. Eu, considerando a natureza d'esta e a do logar em que me cabe a consolação intima de fallar-vos; seguindo a ordem de ideias que tenho vindo expondo, a outro ponto bem que harmonico com aquelle chamo a vossa attenção.

Quero, ao concluir, com voz amiga, n'este desafogo d'alma com que uso communicar com as intelligencias e os corações juvenis, em nome dos vossos mais caros interesses e dos da patria, admoestar-vos a que pondereis, com a energica reflexão de que sois capazes, o que levo expendido:

o amor da religião e o da patria germanam-se, derivam da propria natureza, vinculam-se por laços indestructiveis;

as crenças religiosas têm sido, através de todos os tempos, o mais eficaz inspirador das dedicações patrióticas;
o christianismo enalteceu essas dedicações;
a Igreja por seus mais conspicuos e auctorisados orgãos as tem illustrado;
em o nosso paiz floresceram admiravelmente por estas beneficas influencias.

Cumpre-vos, pois, cultivar com esmero estas crenças, afervoral-as com entranhado affecto, que n'isso vai o vosso mais vital interesse, que prende com o viver do tempo e com os destinos da eternidade.

Passou o tempo da irreligião e do indifferentismo; essas vozes subversivas e demolidoras devem emmudecer por completo.

Nas sociedades solidamente cultas as crenças religiosas ganham cada vez mais terreno, e são tidas como o esteio mais seguro da vida moral dos povos.

Assim o comprehendereis vós, gentilissima juventude, e assim diligenciareis preparar um futuro prospero para a nossa querida patria; pois bem deveis saber quão certa é a affirmacão dos livros sanctos: *beata gens cujus est Dominus Deus eorum, populus quem elegit Dominus.*

NOTAS

- (1) Plutharc., *Cont. Colat. Epic.*; M. T. Cic., *Tuscul. Disputat.*; Luc. Ann. Senec., *Epist. 11.*^a
- (2) L. Cacc. Firm. Lactanc., *Divin. Inst. adv. gent.*, lib. II, cap. I.
- (3) Joan. I, 9.
- (4) *Ibid.* IV, 24.
- (5) Liv. I, tit. XIII.
- (6) Sess. XXV, *De Reformatione*, cap. II.
- (7) Decret. de 2 de maio de 1568; 1 de março de 1569; 8 de abril de 1569; Bulla de 5 de janeiro de 1570.
- (8) Sed cum omnia ratione animoque lustraris, omnium societatum nulla est gravior, nulla carior, quam ea quae cum Republica est unicuique nostrum. Cari sunt parentes, cari liberi, propinqui, familiares: sed omnes omnium caritates patria complexa est: pro qua quis bonus dubitet mortem oppetere, si ei sit profuturus? Cic., *De officiis*, lib. I, cap. XVII, n.º 57, edic. conimbr.
- (9) Et quia naturale est, ut unusquisque genitale diligat solum, et nihil dulcius habeat patria. Hieronym., *Comm. in Jerem.*, lib. II, cap. VII.
- (10) Quis porro, praeter periculum horridi et ignoti maris, Asia aut Africa aut Italia relicta, Germaniam peteret informem terris, asperam coelo, tristem cultu aspectuque, nisi si patria sit? Corn. Tacit., *De Moribus Germanorum*, e. 2.
- (11) August., *De civitate Dei*, I, 19, 24; V, 18.
- (12) August., *Ad Marcell*, Epist. CXXXIX; *De civitate Dei*, cap. XVIII; Juvenal., *Satyr.*, 6.
- (13) Viet. Duruy, *Hist. sainte*, 7.º édition. Pref.
- (14) Prov. XIV, 34.
- (15) Juizes, VII, 24; I Reis, XI, 8 e 9.
- (16) *Ibid.*, VIII, 1 e 2; Juizes, XII, 1.
- (17) *Ibid.*, III, 1-11.
- (18) I Reg., cap. IV. Conf. Ernest Babelon, contin. de *l'Histoire ancienne de l'Orient*, par François Lenormant, tom. VI, chap. V e VI.
- (19) II Reg., VI.
- (20) *Ibid.*, VII.

- (21) III Reg., v-viii.
 (22) Ibid., x, 27.
 (23) Ibid., xv; II Paralip., xv e xvi.
 (24) III Reg., iii, xv e xxii; II Paralip., xvii-xx.
 (25) Ibid., xxvi.
 (26) IV Reg., xviii-xx; II Paralip., xxix-xxxii; Isai., xxxvii-xxxix.
 (27) Ibid., xii, xxiii; II Paralip., xxxiv-xxxv.
 (28) Jerem., i, 18; II Paralip., xxxvi.
 (29) Id., Thren. i, 1-5.
 (30) Id., xlii-xlvi.
 (31) II Esd. ii.
 (32) Ps. cxxxvi.
 (33) Ps. ci.
 (34) II Mach., vi, 31.
 (35) Ibidem, vii. Quid de matre loquar, quae spectabat laeta filiorum quot funera tot trophaea, et morientium vocibus tanquam psallentium cantibus delectabatur, pulcherrimam ventris sui citharam in filiis cernens, et pietatis harmoniam omni lyrae numero dulciorem?
 Ambros., *De officiis Ministrorum*, lib. i, cap. xli, n.º 212, tom. 2.º, pag. 54, edic. benedict.
 (36) I Mach., ii.
 (37) I Mach., ii, ix, xii, xvi.
 (38) Gregor. Nazianz., Orat., xxii, in *Maccab. laud.*
 (39) I Cor., x, 11.
 (40) Matth., xvii, 28, xxiii, 37 e 38; Luc., vii, 3, 4 e 41, xii, 13 e 14, xiv, 41, xviii, 28.
 (41) Matth., xxii, 21.
 (42) Renan, *Marc-Aurèle*, pag. 285; Duruy, *Histoire des Romains*, tom. v, pag. 127, citados por Paul Allard, *Histoire des persécutions pendant les deux premières siècles d'après les documents archéologiques.*
 (43) Tributa vero et census iis qui a vobis constituti sunt, ubique in primis conamur pendere, quemadmodum ab eo instituti sumus. S. Just., *Apolog.* i.
 (44) Hinc Deum solum adoramus: vobis autem in aliis rebus laeti servimus, regesque vos et principes hominum esse profitemur, rogamusque ut vos cum regali potestate sanam bonamque mentem habere inveniamini. Ibid.
 (45) Patroni porro et socii vestri sumus ad pacem soli ex omnibus hominibus maxime, qui hoc censemus, latere Deum eum qui improbe faciat, aut avarum, aut insidiatorem, aut eum qui virtutibus sit praeditus, non posse: et in aeternum supplicium raptum iri, vel salutem consecuturum unumquemque pro corum quo gesserit dignitate. S. Just., *Apolog.* i, 12.

(46) Si enim haec omnes homines cognita haberent, nemo ad breve tempus vitium sequeretur, quod se ad aeternum ignis supplicium raptum iri intelligeret, sed omni ratione se in officio contineret, virtuteque ornaret, ut a Deo bona consequerentur, et a suppliciis liberaretur. Neque enim legum quae a vobis feruntur, vel suppliciorum metum, dum injuste vivunt, latere conantur: sed quia fieri posse intelligunt. Ut vos qui homines estis lateant, injuste vivunt, si intelligant exploratumque habeant, fieri non posse ut Deum aliquod lateat non solum factum, sed etiam consilium. Ibid.

(47) Les principes du Christianisme, bien gravés dans le coeur, seraient infiniment plus forts que ce faux honneur des monarchies, ces vertus humaines des républiques, et cette crainte servile des États despotiques. Montesquieu, *De l'Esprit des lois*, liv. xxiv, chap. vi.

(48) Conf. Paul Allard, log. cit.

(49) Vincent de Lerins, *Communitorium*, c. xxiv.

(50) Admiramur ingenium, damnamus haeresim.

(51) Q. Sept. Flor. Tertull., *Ad Scapulam*, 5 capita.

(52) Non te terremus, qui nec timemus, sed velim ut omnes salvos facere possimus, monendo $\mu\eta\ \theta\epsilon\sigma\mu\lambda\alpha\epsilon\iota\upsilon$. Ibid., cap. iv. Christianus nullius est hostis, nedum imperatoris, quem sciens a Deo suo constitui, necesse est ut et revereatur, et honoret, et salvum velit cum toto romano imperio, quousque saeculum stabit. Ibid., c. ii.

(53) Quid Tertulliano eruditius, quid acutius? Apologeticus ejus, et contra Gentes libri eunctam saeculi obtinent disciplinam. Hieron., *Epist. lxx, Ad Magnum Oratorem urbis Romae*, n.º 5; Bossuet, 5.º *avertissement*.

(54) *Legatio pro Christianis*, c. i. c. xxxvii.

(55) *Ad Autolyicum*, i, 12.

(56) Justitiae autem pietas est prima in Deum, secunda in patriam, tertia in parentes, item in omnes: quae et ipsa secundum naturae est magisterium. Siquidem ab ineunte aetate ubi primum sensus infundi coeperit, vitam amamus tanquam Dei munus, patriam, parentesque diligimus...

Ambros., *De officiis Ministrorum*, lib. i, cap. xxvii, n.º 127, pag. 34.

(57) Adversus arma, milites, Gothos quoque lacrymae meae arma sunt; talia enim monumenta sunt sacerdotis.

Ambros., *Sermo contra Auxentium de Basilicis tradendis*, n.º 2, pag. 864.

(58) Paulin, *De Vita Ambrosii*, 50.

(59) Conf. M. Capéfigue, *Les Quatre premières siècles de l'Église Chrétienne*, tom. iv; H. Taine, *Voyage en Italie*, tom. ii.

(60) Extemplo moriar, ubi primum pristinam formam patria recuperarit. Synes. Cyren., *Epist. 107.ª* Maxim. Biblioth. Veter. Patr.

(61) Neque mihi patria superest, quam deseram:... In insulis itaque degam;

inops ex divite, inquilinus, Cythereo cive ignobilior... Phroli sepulchra illa Dorica, quorum particeps non ero! heu infelicem Ptolemaidem, cujus ego postremus omnium sacerdos fui! Verum ea calamitas animo meo adhaerescit. Nihil dicere amplius possum: lacrymae linguam meam impediunt... Quid tempus terimus? quid moramur?... Nam impressioni et incursioni constituta dies appropinquat... is qui hostilem exercitum ducit. Sane illud prae ceteris tempus sacerdotibus necessarium ad atria Dei cursum efficiet, cum ad ipsam urbem praesens periculum accesserit. Ego in loco meo in Ecclesia permanebo... Dei minister ego sum, ac sacrificus, ac fortasse animam ipsam sacrificare illi me convenit.

Ibid., *Catastasis dicta in maximam Barbarorum excursionem praefecto Gennadio, ac duce Innocentio.*

(62) Maxim. Biblioth. Veter. Patr. et Antiq. Script. Eccl.

(63) Villemain, *Tableau de l'éloquence chrétienne au IV^e siècle.*

(64) August., *Honorato*, Epist. 228, xxviii.

(65) Ezechielis volumen olim aggredi volui, et sponsionem creberrimam studiosis lectoribus reddere; sed in ipso dictandi exordio ita animus meus occidentalium provinciarum, et maxime urbis Romae vastatione confusus est, ut juxta vulgare proverbium, proprium quoque ignorarem vocabulum: diuque tacui, sciens tempus esse lacrymarum... Quod si juxta inclytum oratorem, *silent inter arma leges* quanto magis studia Scripturarum?

Hieronym., *Ad Marcellin. et Anapsych.*, Epist. cxxvi.

Vide: *Ad Heliod.*, Epist. lx, n.^{os} 17 e 18; *Ad Ageruch.*, Epist. cxxiii, n.^{os} 16 e 17; *Ad Princip.*, Epist. cxxvii, n.^o 12; *Ad Gandent.*, Epist. cxxviii, n.^o 4; *Ad Sabinian.*, Epist. cxlvii, n.^o 5.

(66) *Quis cladem illius noctis, quis funera fundo
Explicet, aut possit lacrymis aequare dolorem?
Urbs antiqua ruit, multos dominata per annos.*

Virgil., *Aeneid.*, lib. ii, vv. 361-363.

Vid. Amédée Thierry, *Récits de l'Histoire Romaine au V^e siècle—Saint Jérôme, la société chrétienne en occident.*

(67) S. Aug.

(68) Concilio, Arrl., i, n.^o 314. Vid. Mausl, tom. 2.^o; Tillemont, tom. 3.^o; Munchen, *Dissert.*, S. 74.

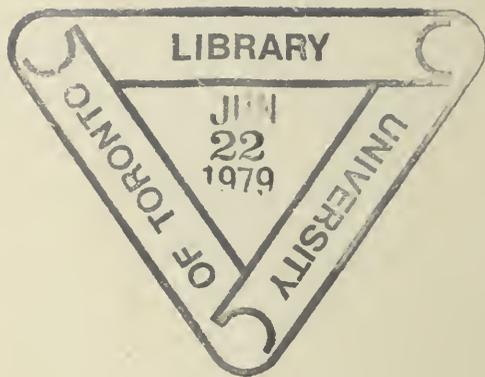
(69) Conf. Paul Allard, *Le martyre de la légion thébéenne, mémoire lu au congr. scientif. des cathol.*, 1888, citado por Fran Xav. Kraus, *Histoire de l'Église*, traduite par le P. Godet et C. Verschaffel.

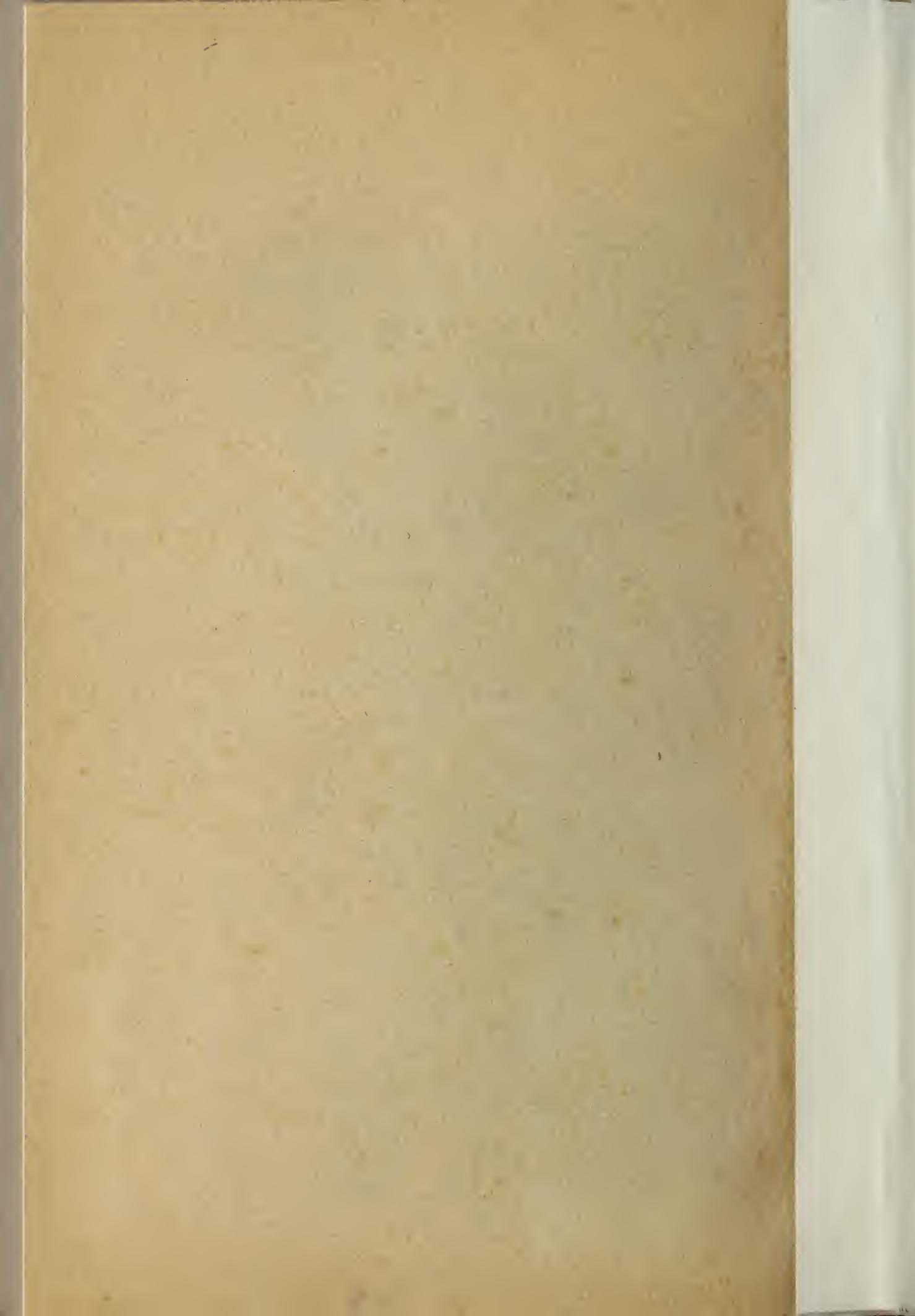
(70) Lacordaire, *Lettres à un jeune homme sur la vie chrétienne; 3^e lettre—Du culte de Jesus Christ dans l'Eglise.*

(71) *Lus.*, c. i, est. 6.

- (72) *Lus.*, c. 1, est. 65 e 66.
- (73) A. F. de Castilho. *Q. Hist.*
- (74) Padre Antonio Vieira, *Hist. do Fut.*, cap. VIII, n.º 141.
- (75) *Lus.*, c. VIII, est. 39.
- (76) Condillac, *De l'étude de l'histoire*, chap. 1.
- (77) A. Herculano, *Cartas sobre a Hist. de Portugal*, carta v.
- (78) Ezechiél. Prophet., v, 14.
- (79) Condillac., loc. cit.
- (80) *Trabalhos de Jesus*, compostos pelo veneravel padre Fr. Thomé de Jesus, da ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, da provincia de Portugal, estando captivo em Berberia.
- (81) Fr. Thomé de Jesus, *Carta dirigida em 8 de novembro de 1581 á nação portugueza no tempo d'aquellas grandes tribulações da jornada de Africa.*
- (82) Padre J. A. de Macedo, *Á nação portugueza*, dedicatoria do poema *O Oriente.*
- (83) *Sermão que no anno de 1640 prégou o veneravel padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, na igreja de Nossa Senhora da Ajuda da cidade da Bahia, exposto no ultimo dos quinze dias, em que todas as igrejas da mesma cidade tinham feito deprecações a Deus pelo bom successo das Armas de Portugal contra as de Hollanda.*
- (84) ... por esta ser a natureza do *leal* e verdadeiro portugues.
J. de Barros, *Decada* 2.^a, liv. 5.^o, cap. 8.^o
- Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.
L. de Camões, *Lus.*, cant. v, est. 90.
- (85) F. Dupanloup, *De l'éducation*, tom. 1, Introduction, pag. vi.
- (86) *Sapient.*, cap. 1, v. 14.

Este Sermão sahio impresso no vol. xxxix do *Instituto*, revista scientifica e litteraria.





7P

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

LF
4849
.5
M37

Martins, Francisco
Religiao e patriotismo

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 12 10 13 07 015 5